

OPINIÃO

Nova regulação de segurança cibernética – e como isso afeta seu negócio

Bruno Pereira (\*)

A publicação das Resoluções CMN 5.274/2025 e BCB 538/2025 marca uma virada importante na regulação de segurança cibernética do Sistema Financeiro Nacional.

Que antes era tratado como “melhor prática” agora se torna obrigação formal, auditável e com impacto direto na operação — e isso muda o jogo para bancos, instituições de pagamento, corretoras e demais entidades supervisionadas. Para um gestor C-level, isso significa que a segurança deixa definitivamente de ser um tema técnico e se consolida como um pilar estratégico de continuidade das operações.

A nova regulamentação exige que as instituições demonstrem efetividade dos controles, não apenas políticas bem escritas. Isso implica em visitar a arquitetura de TI e cloud, garantindo que ambientes críticos estejam segregados, criptografados e monitorados de forma contínua. A adoção de padrões mínimos de configuração segura, mecanismos de prevenção e detecção de intrusão e controles robustos de integridade - passa a ser obrigatória. Em um cenário de crescente dependência de APIs e serviços em nuvem, essas exigências tornam-se fundamentais para reduzir riscos sistêmicos.

A relação com fornecedores críticos também chega a um novo patamar de rigor. Os contratos precisam contemplar requisitos específicos de segurança, rastreabilidade e continuidade, especialmente para provedores de nuvem, SOC terceirizado, serviços antifraude e mensageria. Isso aumenta a responsabilidade das instituições na gestão de terceiros e reduz a tolerância a lacunas contratuais que possam comprometer a proteção de dados ou a disponibilidade de serviços essenciais.

A governança de acessos privilegiados torna-se outro eixo central. A autenticação multifatorial passa a ser obrigatória para acessos críticos, assim como a gestão de credenciais exige controles mais rígidos, incluindo monitoramento contínuo, segregação de funções e mecanismos de proteção contra vazamento. Para a liderança, isso significa reforçar a disciplina interna e garantir que processos de acesso estejam alinhados a padrões de auditoria e conformidade.

Ambientes sensíveis como PIX, STR (sistema do Banco

Central para a transferência de fundos entre instituições financeiras) e RSFN (rede de comunicação segura que conecta essas instituições ao Banco Central) passam a demandar isolamento físico e lógico, além de monitoramento contínuo e avaliações periódicas de vulnerabilidades. A operação desses sistemas, que sustentam a liquidez e a infraestrutura de pagamentos do país, precisa ser tratada como área de risco elevado, com controles específicos e capacidade de resposta rápida a incidentes. A resiliência desses ambientes se torna um indicador direto de maturidade operacional.

A obrigatoriedade de testes de intrusão e avaliações de vulnerabilidade periódicas reforça a necessidade de uma postura proativa. Não basta reagir a incidentes; é preciso antecipar falhas, validar continuamente a eficácia dos controles e corrigir vulnerabilidades com agilidade. Esse ciclo contínuo de avaliação fortalece a capacidade de defesa e reduz a superfície de ataque em um cenário de ameaças cada vez mais sofisticadas.

Um dos elementos mais disruptivos das novas normas é a exigência de inteligência cibernética, incluindo monitoramento na Deep e Dark Web. Isso amplia o escopo da segurança, que passa a incluir a identificação de credenciais expostas, movimentações de grupos de fraude e sinais antecipados de ataques direcionados. Para os tomadores de decisões, representa a necessidade de investir em capacidades analíticas e integrar inteligência ao processo decisório de risco.

Esse movimento regulatório ocorre em um momento em que o setor de tecnologia vive expansão acelerada. Segundo a Brasscom, o macrossetor de TIC pode gerar entre 30 mil e 147 mil novos empregos formais até dezembro de 2025, com 57% dessas vagas diretamente ligadas à área de tecnologia. Esse crescimento reforça a pressão por mão de obra qualificada em cibersegurança e evidencia que a demanda por controles mais robustos não é apenas regulatória, mas é também impulsionada pela dinâmica do mercado.

Em síntese, as novas resoluções elevam o padrão de segurança do setor financeiro brasileiro e exigem que as instituições adotem uma postura mais madura, integrada e orientada a riscos.

(\*) Business Development Manager da Teletex.

Preço dos eletrônicos de uso pessoal pode subir 20% em 2026

O avanço acelerado da inteligência artificial está pressionando as cadeias globais de suprimento de semicondutores e deve provocar uma onda de aumentos nos preços de smartphones, laptops e outros eletroeletrônicos de uso pessoal em 2026.

Vivaldo José Breternitz (\*)

Analistas e executivos alertam que a crescente demanda por chips de memória de alta largura de banda (HBM), aqueles usados em grandes data centers, está desorganizando os ciclos de produção e deixando fabricantes de dispositivos pessoais sem acesso a componentes essenciais.

A escassez decorre principalmente da expansão dos data centers de IA. Gigantes como Amazon e Google vêm firmando contratos de longo prazo com fabricantes de chips para assegurar fornecimento do que precisam, o que tem deixado fabricantes de PCs e celulares em desvantagem.

O custo das memórias usadas em equipamentos de consumo já disparou, com fornecedores priorizando os lucrativos módulos HBM. A TrendForce prevê alta de 50% a 55% nos preços médios dessas memórias no último trimestre de 2025. As coreanas Samsung e SK Hynix, que juntas controlam mais de 70% do mercado, elevaram preços em até 60%.

Fabricantes de hardware já sentem os impactos. O COO da Dell, Jeff Clarke, afirmou em teleconferência que nunca havia visto custos subirem tão rapidamente, alertando que o efeito chegará aos consumidores. A britânica Raspberry Pi classificou como “dolorosa” sua decisão de aumentar preços em dezembro. A Lenovo, maior produtora mundial de PCs, formou estoques estratégicos de chips para enfrentar a situação.

Analistas projetam que os reajustes nos preços de dispositivos de consumo podem variar de 5% a 20% em 2026, dependendo da capacidade das empresas de absorver custos. O presidente da Xiaomi, Lu Weibing, advertiu que as pressões de 2026 serão muito maiores que as de 2025, com risco de gargalos semelhantes aos ocorridos durante a pandemia.



Para conter a crise, fabricantes investem pesado. A Samsung anunciou a expansão de uma planta na Coreia do Sul, enquanto a SK Hynix ergue um complexo de US\$ 91 bilhões. Mas especialistas lembram que novas fábricas levam de dois a três anos para entrar em operação.

Segundo o Morgan Stanley, empresas de tecnologia e nuvem dos EUA devem gastar US\$ 620 bilhões em infraestrutura de IA em 2026, contra US\$ 470 bilhões em 2025, dentro de um ciclo global de investimentos que pode atingir US\$ 2,9 trilhões até 2028.

Para os fabricantes de eletrônicos, o dilema é claro: aumentam os preços dos produtos, ou sacrificam suas margens, o que tem um limite. Já para os consumidores, parece não existirem alternativas...

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Além do capital: por que a mentoria é o verdadeiro ativo de uma startup?

No mundo do empreendedorismo, a corrida por capital parece ser a única maratona que importa. Mas vou contar um segredo que planilhas de valuation não mostram: uma ideia genial sem a orientação certa tem tudo para virar estatística. Paixão é o motor de uma startup, sem dúvida. Mas, a mentoria é o mapa que recalcula a rota e guia o empreendedor por um terreno cheio de buracos.



Ivan Mendes

O fato é que empreender pode ser uma jornada bem solitária. É aí que o mentor entra, não como um mero conselheiro, mas como um copiloto estratégico. Pode ver isso de perto em projetos como o Anzol de Ouro, uma parceria da FCJ Group com o Shark Tank Brasil. O que vemos ali é o retrato do mercado: talento e boas ideias sobram, mas a capacidade de transformar isso em um negócio de pé é o que separa os sonhadores dos realizadores.

Então, qual é o papel do mentor na prática? Dar um choque de realidade (calculado) é a primeira etapa. Isso porque o empreendedor está apaixonado pela sua solução. Já o conselheiro, que já viu esse filme antes, chega para fazer as perguntas difíceis: "Qual problema real você está resolvendo? Seu modelo de negócio é sustentável? Alguém pagaria por isso?". O objetivo não é desmotivar, mas fortalecer a base do negócio antes que seja tarde demais.

Injetar foco e cortar o ruído também é uma estratégia indispensável. Vale reforçar que o universo das startups é um mar de possibilidades, e a tentação de

querer abraçar o mundo é enorme. Um bom orientador ajuda a priorizar o que realmente gera valor, evitando que tempo e dinheiro — os recursos mais escassos de um novo negócio — sejam queimados em desvios desnecessários.

Outro aspecto do mentor é se apresentar como um ponto de equilíbrio, visto que uma startup vive de altos e baixos. Assim, ele é aquele pilar de suporte nos momentos de crise, oferecendo perspectiva quando a pressão parece insuportável. É sobre desenvolver a resiliência e a inteligência emocional que transformam um fundador talentoso em um líder de verdade.

O mentor é, ainda, o grande responsável por abrir portas — e encurtar caminhos. Uma vez que nenhum negócio cresce de maneira isolada, além de compartilhar conhecimento, ele também abre sua rede de contatos. Acesso a parceiros, investidores e clientes é um capital social que acelera brutalmente a curva de aprendizado e o tempo de chegada ao mercado.

E o futuro? A mentoria também está se reinventando

A tecnologia está entrando em campo. Já vemos plataformas que usam dados e IA para conectar empreendedores aos conselheiros certos, quebrando barreiras geográficas. O objetivo é democratizar o acesso ao conhecimento estratégico, permitindo que mais talentos, não importa de onde venham, possam construir negócios de impacto.

No fim, essa relação é uma via de mão dupla. Para nós, mentores, é uma chance incrível de nos conectarmos com o novo, sermos desafiados e ajudarmos a fortalecer o ecossistema de inovação brasileiro.

A jornada empreendedora sempre será difícil. Mas ter ao lado alguém que já conhece o mapa transforma incertezas em estratégia e potencial em resultado. E esse é um investimento com um retorno que nenhuma planilha consegue calcular.

(Fonte: Ivan Mendes, diretor de Inovação da Algar e presidente do Brain)

News @ TI

Sistema de verificação de agentes de IA para ampliar confiança na tecnologia

A Sumsb, líder global em verificação e prevenção de fraudes, está anunciando o lançamento de uma solução de Verificação de Agentes de IA. A tecnologia traz uma abordagem inédita para controlar a automação impulsionada por inteligência artificial, vinculando-a a uma identidade humana real e verificada dentro do framework Know

Your Agent (KYA) da verificadora. Enquanto as IAs agênticas ganham popularidade, as empresas enfrentam dificuldades, principalmente pelo fato da maioria das plataformas tratar a automação como algo inerentemente suspeito, realizando bloqueios por padrão. Para abordar esse desafio, a plataforma de Verificação de Agentes de IA da Sumsb permite separar a automação legítima, conduzida por humanos, de ataques maliciosos, a partir da vinculação a uma identidade real e verificada (https://sumsub.com/blog/know-your-agent/).

ricardosouza@netjen.com.br